

ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS COMO ELEMENTOS INCENTIVADORES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Historical and Cultural Aspects as Incentive Elements in the Teaching-Learning Spanish as a Foreign Language

Débora Silva Brito da Luz

Graduação em Letras-Espanhol pelo IFRR

Mestre em Letras pela UFRR

Miriam Aline Coelho Rosa da Silva

Graduação em Letras-Espanhol pelo IFRR

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada em 2009, cujo objetivo era verificar como são explorados os aspectos histórico-culturais e como estes influenciam no ensino-aprendizagem da Língua Espanhola como Língua Estrangeira numa escola pública de Roraima. Para este fim, foram observadas as aulas de Língua Espanhola de uma professora do ensino fundamental, com quem aplicou-se os um questionário. Os dados coletados foram discutidos e apontaram-se sugestões pedagógicas para abordar os aspectos histórico-culturais nas aulas de Língua Espanhola.

PALAVRAS-CHAVE:

Elementos incentivadores. Espanhol. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

This article presents the results of a study performed in 2009, whose goal was to analyze how historical and cultural aspects are explored and their influence on the teaching-learning Spanish as a Foreign Language in a public

school in Roraima State. To this end, Spanish language classes of a teacher of elementary education were observed and a questionnaire was applied. The collected data were discussed and it was pointed pedagogical suggestions for addressing historical and cultural aspects in classes of Spanish language.

KEYWORDS:

Incentive elements. Spanish. Teaching-Learning.

INTRODUÇÃO

Considerando que o estudo de uma Língua Estrangeira, como, por exemplo, o espanhol, não pode ser feito de forma isolada, principalmente se o objetivo do ensino-aprendizagem é a comunicação, faz-se necessário conhecer também, a história e a cultura, ou seja, os aspectos histórico-culturais dos povos que falam o idioma a ser aprendido ou ensinado.

Este artigo objetiva mostrar o resultado da pesquisa realizada em 2009 através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (PIBICT/IFRR) bem como valorizar e sensibilizar os intermediadores da língua quanto ao uso imprescindível da cultura e da história no ensino-aprendizado da Língua Espanhola.

Apresentamos a descrição de observações e os dados coletados com a aplicação de um questionário com uma professora do ensino fundamental de uma escola da rede estadual de ensino regular e, ainda, sugestões que podem auxiliar os docentes no desempenho pedagógico, pois aprender uma língua vai além de colecionar palavras, é preciso saber usá-las e conectá-las ao contexto social.

1. O ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA E OS ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS

Segundo Monteiro e Oliveira (1990), desde a infância o homem sente a necessidade de se comunicar para poder interagir com outros membros de seu grupo social. Assim, o ensino de Língua Estrangeira (LE) precisa enfatizar

essa habilidade para melhor satisfazer aos anseios humanos e profissionais. Em suma, o objetivo do ensino de LE deve ser, como defende Littlewood (1998, p.1), “la habilidad comunicativa”¹.

O professor, como mostra Maza (1997), tem um papel fundamental no ensino de uma LE, uma vez que precisa saber selecionar materiais adequados para as suas aulas, expor o conteúdo, despertar o interesse dos alunos, trabalhar com os aspectos histórico-culturais, entre outras ações.

Maza (1997, p.90), reportando-se a Jespersen, expõe que o objetivo “maior de aprender uma língua estrangeira seria descobrir um universo infindável de novas culturas” e o papel do professor é o de preparar os discentes para a vida e não somente fazer com que tirem boas notas. Deste modo, o professor:

deveria despertar nos alunos a idéia de que o aprendizado de uma língua estrangeira deve ser algo útil e valioso. Que por meio dela eles podem ter acesso ao pensamento de uma nação estrangeira, à sua literatura, à sua cultura, ou seja, ao espírito de uma nação no sentido amplo da palavra (MAZA, 1997, p. 90 – 91).

Para que realmente haja a aquisição do conhecimento, o aluno precisa estar motivado, pois a motivação “é uma pré-condição para a aprendizagem” (GAGNÉ *apud* TAPIA; FITA, 2000, p. 77). Neste contexto, os aspectos histórico-culturais podem ser utilizados na sala de aula como elementos incentivadores e facilitadores para uma melhor compreensão da LE como um todo, envolvendo, portanto, desde expressões e gestos utilizados em contextos reais de comunicação, até aspectos da norma culta.

De acordo com Almeida Filho (1993), a sociedade brasileira reconhece o bem cultural de aprender novas línguas ao garantir no currículo escolar a presença da disciplina de LE ou, até mesmo, ao procurar institutos particulares de idiomas. Para o autor, “a comunicação verbal não seria assim um simples processo lingüístico” (ALMEIDA FILHO, 1993, p.9). O educando necessita de vários conhecimentos, entre eles, os histórico-culturais, que por sua vez, podem incentivar a aprendizagem, visto que, de certo modo, facilitam a compreensão do novo

1 A habilidade comunicativa. (tradução nossa)

idioma a ser adquirido, pois a língua é uma instituição social e não pode ser estudada de forma independente da cultura e da história daqueles que a utilizam.

O aluno chega à sala de aula com alguns valores e, por isso, a aprendizagem de uma nova língua ocorre sempre dentro de um contexto político-cultural de contato com o da língua materna. Deste modo, é extremamente importante, enfatizar as diferenças desses valores histórico-culturais ao aluno, para que não haja um choque entre as culturas, o que pode despertar também, um maior interesse pela nova língua estudada.

O papel do professor e sua formação específica são fundamentais, pois é o docente quem irá contribuir, em grande parte, para que tais valores, anteriormente mencionados, não sejam vistos por seus alunos como um rechaço, mas como pertencentes aos conhecimentos básicos da LE em questão. Logo, uma atitude criativa, madura e segura do professor pode minimizar o possível conflito entre as culturas e, ainda, cativar a curiosidade do aluno para o aprendizado da Língua Espanhola.

Conforme defende Abadía (2000), fazer uso da cultura no ensino de LE, neste caso, da Língua Espanhola, não significa apenas ler textos literários, artísticos ou históricos, mas, sobretudo, trabalhar com elementos socioculturais, normas culturais ou hábitos sociais que “están implícitamente reflejados en nuestra forma de comunicarnos y cuyo desconocimiento puede provocar interferencias en la comunicación o malentendidos”² (p. 117). Como exemplos, podemos citar:



- Este símbolo, tão comumente utilizado no Brasil para indicar aceitação, ou dizer “legal” ou, ainda, cumprimentar um ao outro, na Venezuela, significa que o órgão sexual masculino está preparado para o ato sexual;

² Estão implícitamente refletidos em nossa forma de nos comunicar e cujo desconhecimento pode provocar interferências na comunicação ou mal entendidos. (tradução nossa)

- Se um brasileiro chega à Venezuela e deseja telefonar para alguém e, então, diz “quiero hacer una ligación” está se equivocando, visto que culturalmente, “ligación” na Venezuela, remete ao ato sexual³;
- Se um estudante de língua espanhola decide visitar a Espanha para aperfeiçoar seus conhecimentos, por exemplo, necessita saber que o almoço deles, culturalmente, é servido por volta das três da tarde e não ao meio-dia como acontece no Brasil. E que o “almuerzo” sugerido pelos espanhóis nada mais é que um pequeno lanche por volta de onze ou onze e meia da manhã.

2 A PESQUISA

Um dos nossos objetivos específicos era observar como o professor de uma escola pública de Roraima explora os aspectos histórico-culturais nas suas aulas de espanhol. Para tanto, escolhemos uma turma da 5ª série do ensino fundamental (hoje com o ensino fundamental em nove anos corresponde ao 6º ano), pois é quando, geralmente, começam os estudos de Línguas Estrangeiras em escolas públicas, conforme prevê o artigo 26 da Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e, acreditamos que esse momento inicial é importante para despertar nos alunos o interesse pela língua a ser estudada. Assim, os discentes precisam, desde então, ter contato não apenas com a gramática, mas também com os aspectos histórico-culturais a fim de aqueles poderem construir de modo substancial os conhecimentos sobre o idioma.

Iniciamos a observação em uma escola pública da rede estadual de ensino em julho de 2009, sendo este dia a primeira aula de Língua Espanhola, após o recesso escolar. Em conversa informal, a professora nos relatou que trabalhou “*cultura*” no segundo bimestre letivo, porém de forma superficial.

Registramos em nosso diário de campo que os alunos eram muito agitados, estavam sempre conversando, não faziam as atividades com a devida atenção. Por ser a primeira aula, a professora escreveu no quadro o conteúdo do terceiro bimestre: os numerais. Neste momento, houve silêncio. Depois de

³ Destacamos que o contato populacional na fronteira Pacaraima (Roraima-Brasil) e Santa Elena de Uairén (Bolívar-Venezuela) é bastante frequente.

expô-lo, apresentou a escrita e as regras de uso de alguns números cardinais e ordinais e solicitou a realização de uma tarefa sobre este assunto.

Ao longo de nossas observações, verificamos que havia várias dificuldades que faziam com que a docente não explorasse, de forma mais profunda, o conteúdo de modo a envolver aspectos histórico-culturais, dentre os quais destacamos: o desinteresse dos alunos alimentado pelo fato de ser uma disciplina não-reprobativa, o número de alunos por turma, a falta de adequação climática da sala de aula, o horário da aula (após o intervalo) e a falta de recursos (livros didáticos, dicionários bilíngues).

No final de uma das aulas, aplicamos um questionário com perguntas abertas e fechadas, a respeito tanto da formação quanto do tempo de docência da professora. As perguntas mais relevantes foram em relação à metodologia docente, ao uso de livro de didático e dos recursos disponibilizados pela escola. Deste modo, a professora que nos revelou ter formação em Letras com habilitação em Língua Espanhola e que já lecionava nesta área há cinco anos. A escola não adotava nenhum livro didático e, portanto, a docente usava atividades que ela mesma elaborava e providenciava cópias aos alunos.

Para a professora é importante trabalhar os aspectos histórico-culturais nas aulas de espanhol, justificando, inclusive, que o aluno teria um maior conhecimento da língua estudada. Ela também defendeu que tais aspectos servem de incentivo nas aulas.

A docente respondeu que costuma explorar os aspectos histórico-culturais, tais como expressões, gestos, costumes e outros nas suas aulas de espanhol. Todavia quando questionada de que maneira são ministrados, a professora respondeu que já os havia trabalhado no primeiro semestre do ano e que não trabalharia mais, porque precisaria seguir com os conteúdos gramaticais.

Quanto às dificuldades na abordagem de aspectos histórico-culturais, ela afirmou que não teve uma formação específica que lhe desse subsídios para o desenvolvimento de atividades com os mesmos. Além disso, as turmas superlotadas e a falta de material adequado prejudicam o seu desempenho docente. Embora a professora não explorasse em cada aula os aspectos histórico-culturais, assegurou já ter utilizado e que foi “*uma aula*” bem sucedida.

Diante do exposto, percebemos que os aspectos histórico-culturais são vistos, muitas vezes, apenas como um “conteúdo” que tem um momento certo

para ser ministrado e não como um elemento que deve perpassar todas as aulas de LE auxiliando no processo de ensino-aprendizagem.

3 NOSSAS SUGESTÕES

Com os dados coletados, apresentamos possibilidades de os professores utilizarem os aspectos histórico-culturais de forma diversificada nas suas aulas de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE), conforme elencamos a seguir:

A – CANÇÃO

Ao usar canções para trabalhar algum aspecto gramatical e/ou a pronúncia é possível aproveitá-las para explorar os aspectos histórico-culturais, como na canção que segue:

Clandestino (Manu Chao)⁴

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Para burlar la ley
Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen el clandestino
Por no llevar papel
Pa' una ciudad del norte
Yo me fui a trabajar
Mi vida la dejé
Entre Ceuta y Gibraltar
Soy una raya en el mar
Fantasma en la ciudad
Mi vida va prohibida
Dice la autoridad
Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Por no llevar papel
Perdido en el corazón

⁴ Fonte: <http://letras.mus.br/manu-chao/7356/>. Acesso em: 09 dez. 2012.

De la grande Babylon
Me dicen el clandestino
Yo soy el quiebra ley
Mano Negra clandestina
Peruano clandestino
Boliviano clandestino
Marijuana ilegal (...) ⁵

Esta canção trata sobre os imigrantes ilegais e o professor pode utilizá-la para debater sobre a situação dessas pessoas, por exemplo, nos países latino-americanos que, por razões econômicas, políticas e sociais, historicamente se deslocam em busca de melhores condições de vida. Ou até mesmo, para abordar sobre o grande número de imigrantes latinos nos Estados Unidos.

Ademais, também é plausível desenvolver projetos interdisciplinares sobre a questão transversal das drogas em conjunto com professores de outras disciplinas, como por exemplo, de Ciências. Percebemos que o uso de canções nas aulas de LE, como destacam Holden e Rogers (2001), pode ter objetivos distintos, pois além dos aspectos linguísticos também é possível realizar atividades culturais dentre outras.

B – DIÁLOGO

De acordo com Holden e Rogers (2001), quando o docente utiliza textos nas aulas de espanhol por meio de diálogos, poemas, histórias e tiras contendo aspectos histórico-culturais, essa diversidade de textos oportuniza aos alunos a aprendizagem por meio de situações reais contextualizadas.

⁵ Clandestino (Manu Chao)

Sozinho vou com minha dor/Sozinha vai minha condenação/Correr é meu destino/Para burlar a lei/Perdido no coração/Da grande babilônia/Me chamam clandestino/Por não levar papel/Para uma cidade do norte/Eu fui trabalhar/Minha vida deixei/Entre Ceuta e Gibraltar/Sou uma arraia no mar/Fantasma na cidade/Minha vida vai proibida/Diz a autoridade/Sozinho vou com minha dor/Sozinha vai minha condenação/Correr é meu destino/Por não levar papel/Perdido no coração/Da grande babilônia/Me chamam clandestino/Eu sou o quebra-lei/Mano Negra clandestina/Peruano clandestino/Boliviano clandestino/Maconha ilegal (...) (tradução nossa).

EL NUEVO BOLSO.

Carlos: ¿Begoña que regalo te gustaría ganar en tu cumpleaños?

Begoña: Me gustaría ganar, ropas, zapatos, algo así.

Begoña: Mira Aquél bolso ¡Qué mono!

Carlos: Sí, pero está muy caro, 400 euros.

Begoña: ¡Pero me encanta!

Carlos: Lo siento pero no puedo comprarlo, hasta que yo cobre el paro.

Begoña: No te preocupes.⁶

Fonte: http://www.espanholgratis.net/textos_em_espanhol/el_nuevo_bolso.htm. Acesso em: 27 set. 2011.

Com este diálogo o professor pode explicar para os estudantes que o euro é a moeda comum para a maioria das nações europeias que pertencem à União Europeia, incluindo a da Espanha expondo, inclusive, o processo histórico que a instituiu. Deste modo, tem-se a oportunidade de trabalhar os aspectos culturais de forma interdisciplinar, envolvendo os conhecimentos histórico-geográficos.

⁶ A nova bolsa

Carlos: Begoña que presente você gostaria de ganhar em seu aniversário?

Begoña: Eu gostaria de ganhar, roupas, sapatos, este tipo de coisas.

Begoña: Olhe aquela bolsa. Que bonita!

Carlos: Sim, mas o preço está muito caro, 400 euros.

Begoña: Sim, mas eu adorei!

Carlos: Sinto muito, mas eu não posso comprar, até que eu peça o seguro desemprego.

Begoña: Não precisa se preocupar.

(tradução nossa)

C – TIRA (QUADRINHOS)



Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_D7XF6mGK8gk/R4rIt8uRvAI/AAAAAAAAAw0/bBr27-HQn0/s1600-h/Mafalda-Democracia_5.gif. Acesso em: 26 set. 2011.

Esta tira pode ser utilizada em sala de aula a fim de se explorar sua interpretação e, em seguida, suscitar uma pesquisa sobre a organização política dos países hispânicos. É um momento rico para colaborar com o desenvolvimento do senso crítico discente.

A atividade pode ser trabalhada, ainda, de forma interdisciplinar se o professor de espanhol buscar o apoio, por exemplo, do professor de Artes ou de História. Sendo mais ousado, pode propor à comunidade a elaboração de um jornal da escola com contribuições das diferentes áreas do conhecimento, proporcionando aos alunos a apresentação de suas produções em espanhol.

Além disso, atividades desse naipe podem levar o professor a:

- solicitar que os alunos, individualmente ou em grupo, pesquem e apresentem sobre a organização política, a história e os costumes de países que falem espanhol, bem como sobre autores e cantores hispânicos;
- organizar junto com os alunos mostras culturais, nas quais sejam expostas canções, obras, comidas, datas comemorativas etc., dos países que se comunicam em espanhol;
- verificar se, no caso de tradução, a tira teria a mesma interpretação para o contexto brasileiro.

Nossa sugestão é que o professor não permita a interferência dos fatores negativos internos ou externos na sua criatividade, nem no objetivo maior do ensino de línguas, que deve ser a aprendizagem para a comunicação.

A língua, para Sapir (1969), é um produto cultural e social, sendo, assim, parte integrante da realidade de um povo; portanto, caso seja desvinculada da cultura tornar-se-á estéril. Em outras palavras, não passará de uma série de símbolos vazios e sem significados, como argumenta Giovannini *et al* (1996).

O autor sintetiza o conceito de cultura desenvolvendo-o em três âmbitos: *saber o quê, saber sobre o quê e saber como*. Este saber é o modo como atua a sociedade, isto é, a comunicação de agradecer, de saudar, de contar, e que fazem parte da competência comunicativa. Assim, os alunos se sentem motivados em conhecer e identificar-se com os valores da sociedade da LE. Diante do exposto, notamos o quão necessário é trabalhar uma LE a partir das práticas culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é o primeiro elemento cultural utilizado pelo ser humano e, mesmo a aprendizagem de uma LE sendo assegurada como um direito de todo cidadão, expresso na LDB (BRASIL, 1996) e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (Oliveira, 2003), o ensino ainda se encontra deslocado na Escola, acontecendo de forma difusa e pouco sistemática, em dissonância com a função que as línguas desempenham na sociedade, com o foco nos aspectos gramaticais e estudo de estruturas fragmentadas.

Acreditamos que a formação docente no curso superior não capacita plenamente os professores de Língua Espanhola para atuarem na Educação Básica, em consonância com as deliberações da política nacional de ensino de Língua Estrangeira Moderna e, especificamente, no ensino da Língua Espanhola. Sendo assim, é necessário o docente ter acesso à formação continuada, tanto em nível de pós-graduação como em cursos de curta duração voltados para a metodologia do ensino e dinâmicas que possam ser trabalhados nas aulas de Língua Espanhola, a fim de que possa aprimorar a fundamentação teórico-linguística e o uso efetivo da língua como prática comunicativa. Desta forma, o docente poderá buscar subsídios para análise, seleção e elaboração de materiais didáticos de língua e cultura hispânicas, adequados aos objetivos de ensino de espanhol na escola.

Seria muito prático realizar a pesquisa na escola e somente fazer críticas ao trabalho docente. Como pesquisadoras, desejamos ir além. Informalmente captamos o quanto a disciplina de Língua Estrangeira é desprezada. Muitos

colegas pedem licença para tirar um ou outro aluno da aula de espanhol para que possam realizar trabalhos ou provas. Ressaltamos, também, que a disciplina ainda não é valorizada no cômputo de notas, conforme a Resolução 033/02 do Conselho Estadual de Educação (RORAIMA, 2002), sendo avaliada, portanto, somente pelo critério de frequência o que delimita o poder de ação do professor.

Relatamos, ainda, que o concurso público para contratação de professores, inclusive de Língua Espanhola, realizado em 2002, no estado de Roraima, não preencheu todas as vagas para professores de LE, fato que leva à constante contratação de substitutos ou adequação de carga horária. Como resultado destas ações, professores não-habilitados na área ministram aulas de espanhol.

Como percebemos, apontar falhas é fácil, difícil é tentar modificar a situação. Contudo, os professores de espanhol necessitam fazer a sua parte, motivando os alunos a querer aprender e seguir estudando o idioma, por meio da utilização de diferentes técnicas, métodos e metodologias de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABADÍA, Pilar Melero. **Métodos y enfoques en la enseñanza/aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Edelsa Grupo Didascalía, S. A., 2000.

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. São Paulo: Pontes, 1993.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

CHAO, Manu. Clandestino. Intérprete: Manu Chao. In: Manu Chao. **Clandestino**. Londres: Virgin Records, 1998. 1 CD. Faixa 1.

DIÁLOGO. **El nuevo bolso**. Disponível em: http://www.espanholgratis.net/textos_em_espanhol/el_nuevo_bolso.htm. Acesso em: 27 set. 2011.

GIOVANNINI, Arno; PERIS, Ernesto Martín; RODRÍGUEZ, María; SIMÓN, Terencio. **Profesor en acción 2**. Madrid: Edelsa, 1996. Colección Investigación Didáctica.

HOLDEN, Susan; ROGERS, Mickey. **O ensino da língua inglesa**. São Paulo: SBS, 2001.

LITTLEWOOD, William. **La enseñanza comunicativa de idiomas**: introducción al enfoque comunicativo. Madrid: Cambridge University Press, 1998.

MAZA, Fernanda Thomaz. O papel do professor de língua estrangeira: uma retrospectiva. In: CELANI, Maria Antonieta Alba. **Ensino de segunda língua**: redescobrimdo as origens. São Paulo: EDUC, 1997.

MONTEIRO, Conceição Perkles; OLIVEIRA, Maria Helena Cozzolino de. **Metodologia da linguagem**. São Paulo: Saraiva, 1990.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org.). **Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos**: novas perspectivas em política lingüística. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis, SC: IPOL, 2003.

QUINO. Mafalda. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_D7XF6mGK8gk/R4rIt8uRvAI/AAAAAAAAAw0/bBr27-HQn0/s1600-h/Mafalda-Democracia_5.gif. Acesso em: 26 set. 2011.

RORAIMA. Conselho Estadual de Educação. **Normas Regimentais Básicas para os Estabelecimentos de Ensino Público do Estado de Roraima**. Resolução n. 033, de 10 de setembro de 2002. Disponível em http://www.cee.rr.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=19&Itemid=32. Acesso em: 29 set. 2011.

SAPIR, Edward. **A linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula**: o que é, como se faz. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

